



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**VEREDAS EPISTEMOLÓGICAS:**

**A AGROECOLOGIA COMO CHAVE DE CONHECIMENTOS ALTERNATIVOS**

Kauê Pessoa

kaue.zero@gmail.com

Universidade Federal do Paraná

Brasil

Felipe Bueno Amaral

amaralfelipeb@gmail.com

Universidade Federal do Paraná

Brasil

**Resumo**

Os conhecimentos tradicionais têm recebido reconhecimento nas recentes décadas, em virtude das recorrentes críticas as ciências convencionais, atreladas a racionalidade instrumental das sociedades modernas, constituídas com novas estruturas e dinâmicas. Têm sido constituídos caminhos críticos e com isso, criam-se mecanismos e ferramentas alternativas como uma forma de saída. Acentuam-se assim, as novas racionalidades vinculadas aos conhecimentos tradicionais. Os elementos ambientais se tornam um caminho fundamental nesse sentido, sendo um alicerce ao processo emancipatório do conhecimento para além do agente humano. Neste sentido, foram estabelecidas assim alternativas durante as décadas, através de mecanismos e ferramentas articuladas com distintos âmbitos. Desta forma, este artigo persegue a agroecologia enquanto uma prática e um discurso que está no centro desse encaminhamento, por conservar e promover elementos socioambientais, já que desde seu lócus epistemológico, é possível pensar o processo de criação e reprodução de conhecimentos. Desde aí é possível questionar se a produção agroecológica remonta uma interpretação moderna de saberes ou se se descola a prática alternativa produzindo sujeitos e territórios de forma



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

sinérgica, em uma transformação e deslocamento de lugar dos atores humanos e não humanos, seguindo o rastro da teoria pós-colonial de Arturo Escobar.

**Palavras-chave:** Epistemologia, agroecologia, emancipação.

### ***Abstract***

*Traditional knowledge has received recognition in recent decades, due to the recurrent criticism of the conventional sciences, linked to the instrumental rationality of modern societies, constituted with new structures and dynamics. Critical paths have been built and with this, alternative mechanisms and tools are created as a form of exit. This accentuates the new rationalities linked to traditional knowledge. Environmental elements become a fundamental path in this sense, being a foundation for the emancipatory process of knowledge beyond the human agent. In this sense, alternatives have been established over the decades, through mechanisms and tools articulated with different spheres. In this way, this article pursues agroecology as a practice and a discourse that is at the center of this referral, for preserving and promoting socio-environmental elements, since from its epistemological locus, it is possible to think about the process of creation and reproduction of knowledge. From that point on, it is possible to question whether agro-ecological production goes back to a modern interpretation of knowledge or whether the alternative practice takes off producing subjects and territories in a synergistic way, in a transformation and displacement of place of human and non-human actors, following the the postcolonial theory of Arturo Escobar.*

**Keywords:** Epistemology, agroecology, emancipation

### **1. Introdução**

Antes de apresentar as formulações teóricas da nossa reflexão, julgamos essencial demonstrar as implicações do avanço do pensamento científico na sociedade e como ele se aproxima e se distancia do pensamento não científico, que chamaremos aqui de *senso comum e como isso pode ser pensado desde uma perspectiva agroecológica como uma racionalidade alternativa*. Cabe antes retomar brevemente os caminhos do pensamento científico e algumas de suas tensões. Não existe passividade, ou seja, não é fácil hoje em dia, estabelecer com clareza aquilo que outrora fora chamado de iluminação da razão ante as trevas rasas do pensamento vulgar, como nos diz Bachelard



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

(1971). É claro que ao dizer isso, pode parecer que estamos sugerindo que entre ciência e senso comum não existem diferenças, o que não é verdade; o argumento apenas sugere que as duas não são tão puras e impenetráveis, e sim, que existe um jogo de relação entre essas duas formas de pensamento, níveis de conexões.

É a partir desta perspectiva relacional e com pontos de penetração entre ciência e senso comum que este texto parte para pensar a agroecologia como alternativa teórica e prática. Dizer isso, mais uma vez, não significa defender que o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum tenham o mesmo lugar. Significa defender a noção de validade a todas as formas de conhecimento, de forma horizontal onde esses conhecimentos se encontram e se complementam. Afirmar que um desses conhecimentos é mais importante que o outro, insisto, é reproduzir um padrão racionalista que já não acompanha a trilha das sociedades contemporâneas e seu desenvolvimento científico.

Vamos nos aproximar das defesas polarizadas da separação entre um conhecimento que se pretende superior ante ao conhecimento irrefletido, notadamente da ciência sobre o senso comum, e, mais adiante, das práticas convencionais capitalistas e os sistemas alternativos que a todo instante um pensamento circunda o outro, de maneira recursiva, construindo nessa complementaridade as *epistemes*, ou seja, os pontos de partida de cada processo social e as teorias do conhecimento que desde aí emergem.

## **2. Marco teórico/marco conceitual**

### **2.1. Fundamentos da ciência convencional**

É preciso se colocar no trilho da história e localizar as transformações ocorridas em meados do século XVIII, momento embrionário da ciência moderna que conhecemos hoje, produto da



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

revolução científica de dois séculos antes, na baixa idade média, com toda carga gestada pelo Renascimento. Desde aí e de grandes questionamentos acerca do conhecimento sobre o conhecimento (ou, a teoria do conhecimento), descentramos o planeta terra, matematizamos todas as coisas e descobrimos a gravidade, com nomes como Copérnico, Galileu e Newton (Santos, 2010).

Neste enredo que julgamos aqui pertinente demonstrar a importância de René Descartes para o modo como hoje compreendemos o que é ciência e senso comum, já que este é um autor central nesta tensão entre o que era de fato a realidade e como se poderia compreendê-la. Talvez as questões que este autor tenha enfrentado possam ser vulgarmente representadas assim: o que é a Natureza? Como devemos nos aproximar dela? O que me difere dos outros seres e coisas do mundo? Desde aí, este autor inaugurou a importante reflexão, o cogito cartesiano, que nos acompanha até os dias de hoje: Penso, logo existo (Descartes, 1996).

Veja, é importante entender que os filósofos daquele momento estavam em busca do conhecimento pleno, estavam em busca da essência do real, ou seja, da verdade. A fim de melhor se aproximar desta tensão, o leitor deve aqui fazer um esforço para se deslocar para o século XVII, dominado essencialmente pelas orientações religiosas. Era o momento da descoberta do humano e do mundo.

Buscava-se então sair deste movimento de pensar dominado pela crença nas vontades divinas e começar a estabelecer explicações mais *racionais* aos eventos do mundo (natureza). O mundo precisava ser des-coberto, compreendido em seus detalhes. O planeta terra foi deslocado e o sol assume seu lugar central. O movimento da lua e a aparição das estrelas a noite entendido como parte deste movimento solar; chuvas, raios e trovões começam a perder seu lugar de divindade e são reduzidos a eventos das estações do ano e das alterações na atmosfera. O mundo torna-se desencantado, a magia cede lugar à razão (Weber, 2004; Nietzsche, 2012).



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Desde aí um novo conjunto de reflexões emerge, descolado das crenças e da magia e conquista um espaço soberano no corpo social. O racionalismo fortemente marcado daquele período reconfigurou o sistema de pensamento de tal forma que ainda hoje podemos percebê-lo. O modo como defendemos certas posições é revelador: sempre que um argumento é formulado desde uma impressão subjetiva ele perde a validade ante uma sentença contrária elaborada cientificamente, ou mesmo, por alguém que diga ter estudado sobre o assunto (Fourez, 1995).

Se seguirmos o pensamento de Bachelard (1971), por exemplo, o momento de reflexão científica acontece em oposição ao movimento do pensamento do senso comum. Nesse sentido, sua construção é somente possível nessa ruptura, ou seja, o início da reflexão científica, do pensamento organizado pela razão, seria o instante de rompimento com a forma de pensamento vulgar, comum. Para este autor, assim como para toda uma escola que deriva de um sistema de pensamento dito positivo, a racionalidade científica é a única a reger de modo válido nossas interpretações de mundo. A esse movimento Bachelard nomeia de *ruptura epistemológica*.

Bachelard é um autor francês do início do século XX, onde as questões relacionadas à ciência estavam em um momento de estabelecimento e de disputa. Em verdade essas tensões são permanentes, com maior ou menor força dependendo do estágio de discussão. Naquele momento essa disputa envolvia defender a posição e método das *Ciências Naturais*, ou positivistas, devedora do modelo cartesiano, e, uma ciência que surgia – ainda que não somente – das transformações de um modelo de sociedade, responsável pelo nascimento das ciências sociais, da história e da psicologia, por exemplo, e, por isso, mais voltada às questões da cultura, das paixões, das relações entre os seres humanos. Essa nova ciência foi denominada como *Ciências do Espírito* (Dilthey, 2010).

Note-se, está aí delineado um modelo que prevalece, que vence, e que é incorporado na fase inicial das *Ciências do Espírito*, sobretudo em seu método investigativo. Isso é o que os autores contemporâneos chamam de modernidade. Uma nova forma de pensar o mundo que tem seu espaço



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de desenvolvimento e transformação no lado ocidental do planeta. Por isso ouvimos dizer constantemente que nosso modelo científico é *occidental moderno*, ou, *eurocêntrico*.

Lembremos: tal modelo é responsável em um primeiro momento pela separação entre humanos e o mundo (natureza), mas que resulta nas separações posteriores, como científico e não científico, branco e preto, macho e fêmea, normal e anormal, bonito e feio, saudável e doente, bom e mau, entre tantas outras. Essas separações são mobilizadas a todo momento no nosso agir cotidiano, e as reproduzimos sem nos darmos conta.

A ocidentalização do pensamento a qual aludimos acima é basicamente geográfica. Então é quase como se pegássemos uma régua e dividíssemos o mapa do planeta em dois, bem no meio: do lado esquerdo o ocidente, do lado direito o oriente. É claro que esse desenho nos serve apenas de recurso didático. Efetivamente, se a análise for levada a cabo perceberíamos que existem conexões entre ocidente e oriente, sobretudo em um mundo globalizado como o nosso.

E por que dizemos que o modo ocidental de pensar é moderno? De partida alertamos que não se trata de um pensamento inovador. A modernidade aqui significa um período específico que sucede o modelo de pensamento baseado na crença. A modernidade inaugura um método de pensamento logocêntrico e racional que estabelece desde o cogito cartesiano, uma separação entre humanos e as coisas, ou, para utilizar um termo de Arturo Escobar (2010), uma separação entre humanos e não humanos.

É válido aqui recorrer literalmente a Bachelard para traduzir o que estamos querendo sinalizar:

[...] O real nunca é ‘o que se poderia achar’ mas é sempre o que se deveria ter pensado. O pensamento empírico torna-se claro depois, quando o conjunto de argumentos fica estabelecido. Ao retomar um passado cheio de erros, encontra-se a verdade num autêntico arrependimento intelectual. No fundo, o ato de conhecer dá-se contra um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito é obstáculo à espiritualização (Bachelard, 1996, p. 17. Grifos do autor).



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Nota-se aqui essa percepção de que algo que alguém poderia apenas supor nunca vai ao encontro do real. Somente quando se organizam um determinado conjunto de conhecimentos, acumulativos, cada vez mais afastados do que inicialmente se pensava, destruindo conhecimentos anteriores, é que se está procedendo de modo científico, formando o que ele chamaria de conglomerado ordenado de conhecimentos.

Quem lê estas linhas percebe neste caminho que para este importante autor existe uma delimitação que separa radicalmente ciência e senso comum. O que está implícito nesse pensamento é justamente que o conhecimento científico é forjado a partir dos temas cotidianos, do pensamento vulgar, e, quando se estabelece esta ruptura objetiva, os elementos que fizeram parte dessa construção desaparecem (Latour, 1994).

Se seguirmos esta linha de pensamento bachelardiana poderíamos partir do seguinte exemplo: uma pessoa ao caminhar pela rua se depara com um objeto a sua frente, no chão, de aspecto liso, sem forma definida, pesado e aparentemente maciço. A pessoa já viu diversas vezes objetos como aquele e sabe nomeá-lo. Ela então se agacha e toma em suas mãos e confirma: é uma pedra. Ela a lança tão distante quanto pode e segue seu caminho. O mesmo objeto porém, quando encontrado por um geólogo, que rapidamente toma a pedra em suas mãos e leva para o laboratório, é percebido como um fragmento de rocha, derivado de uma erupção vulcânica donde é possível estimar com muita precisão sua idade e até sua classificação dentre os vários tipos de seixos. Recebe uma outra nomenclatura, dessa vez, científica.

Pensando com Boaventura de Souza Santos (1989), poderíamos dizer que o conhecimento do senso comum pensa o que existe tal como existe, já que é um conhecimento evidente. Note-se que por outro lado, em nenhum momento em suas reflexões o geólogo pensa que a pedra é somente uma pedra, ou seja, o que antes fora denominado como pedra por um conhecimento comum, é completamente ressignificado pelo conhecimento científico, pelo conhecimento organizado, acumulado. Essa é a ruptura epistemológica bachelardiana. Essa é a marca distintiva que reproduz o dualismo.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Esta noção de ciência que é abissalmente oposta do senso comum advém de uma matriz de conhecimento fundada desde aquela distinção proposta pelo pensamento de René Descartes, *Cogito, ergo sum* (penso, logo existo). Porém desde estas exposições, podemos nos perguntar voltando ao que acima foi proposto: se o pensamento científico carece dos elementos do senso comum para ser constituído, como pode se pretender uma outra coisa? Dito de outro modo, o pensamento científico tem como base primeira da qual se sustenta, justamente uma forma de conhecimento tradicional, bom senso ou pensamento vulgar. Nesse sentido, não pode pretender ser uma outra coisa, e nesse debate, nos parece que há pretensão de superioridade daquilo que se chama científico ante o que se convencionou chamar de saber popular.

A discussão assim, quem lê vai percebendo onde queremos chegar, se direciona para formas distintas de saberes ou conhecimentos que são mobilizados em nosso fazer cotidiano. Ou seja, parece que não podemos permitir que a interpretação se encaminhe numa reprodução da distinção entre as formas de saberes, em que, ao acessar uma, descarta-se de completo a outra. Insisto, esses conhecimentos são diferentes, eles possuem direções e objetivos diferentes, mas são complementares.

Acessamos aqui uma imagem que nos sirva de tradução para essa interdependência dos saberes. A agricultura existe na terra há mais de 11 mil anos atrás (Franco et al, 2012) os avanços percorridos desde a primeira descoberta de produção vegetal planejada até os dias de hoje, com plantio em escala e com emprego de tecnologias de última geração são evidentes. Sob a reflexão científica que estamos realizando até agora partimos da premissa de que são inegáveis os avanços tecnológicos que puderam dinamizar a produção e consumo em ampla escala.

Todavia, seguindo a discussão até aqui proposta, não podemos discordar de dois pontos que parecem essenciais: a primeira delas é que a construção do conhecimento científico só foi possível desde o saber tradicional do senso comum. Não é possível supor, portanto, que um e outro estejam desse modo, separados; a segunda, abre possibilidades para questionar se, em fato, o conhecimento científico aplicado pura e estritamente de modo racionalista com uma concepção de produção e



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

consumo em grande escala, reflete algo essencialmente positivo, ou melhor, benéfico para as sociedades em geral e seus territórios e toda sua ecologia.

Então, voltando a Descartes (1996), estabeleceu-se uma noção de que o conhecimento científico tinha que se afastar das primeiras impressões do mundo, das primeiras sensações. Este modo de pensar o mundo estabeleceu uma separação entre as coisas, dito de outro modo, alicerçou um pensamento fundante para o dualismo. O principal efeito do dualismo, nesse caso, foi a concepção de que o humano é separado da natureza (Santos, 2010). Uma vez que o humano não faz parte da mesma essência das coisas do mundo, podemos então supor que este não atenta para o desequilíbrio presente na produção em grande escala, que só tem benefício dependendo do modo de produção mundial (neste caso o capitalismo). Abre-se aqui uma possibilidade de se pensar uma racionalidade alternativa desde a agroecología.

Este momento em que o conhecimento científico nos escapa pelas mãos, subjugando as formas de conhecimento das comunidades e povos tradicionais, dos mecanismos de fé e renovação daqueles que acessam outros métodos para produção de suas vidas, que nos faz erguer muros em vez de pontes, cada vez que vociferamos contra as crenças e conhecimentos que não são os nossos, é o mesmo momento onde não sabemos responder com segurança se estamos certos, já que somos também vítimas daquilo que não podemos controlar, nem conhecer. Há muito alimento graças ao avanço científico, mas não podemos saber quais povos e formas de vida perderam seus territórios para isso, e nem o que estamos colocando dentro de nossos corpos cada vez que nos alimentamos.

Logo, separado do mundo pela ciência, o humano ignora os efeitos perversos dos avanços deste conhecimento aplicado em todas as esferas da vida. Seguindo as palavras do pensador português sobre esta crise de reflexão sobre o mundo, somos advertidos que:

Perdemos a confiança epistemológica; instalou-se em nós uma sensação de perda irreparável tanto mais estranha quanto não sabemos ao certo o que estamos em via de perder; admitimos mesmo, noutros momentos, que essa sensação de perda seja apenas a corti-



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

na de medo atrás da qual se escondem as novas abundâncias da nossa vida individual e coletiva. Mas mesmo aí volta a perplexidade de não sabermos o que abundará em nós nessa abundância (Santos, 2010, p. 17-18).

Nossas seguranças epistemológicas estão abaladas porque a salvação de um mundo racional, desencantado diria Weber (2004), não se cumpriu. Ou cumpriu apenas uma parte do trabalho, mas trouxe também consigo efeitos perversos de inescapabilidade dos riscos que esta forma de conhecimento gerou. A fé e o senso comum deram lugar a uma multiplicidade de riscos e perigos produzidos pelo modelo de desenvolvimento estritamente científico, curas e salvagens inelutáveis, ou seria melhor dizer, onipresentes e onipotentes. Matamos um deus e colocamos outro em seu lugar, mas qual? Será que estivemos enganados ante a visão de nossos óculos sociais esse tempo todo?

Chegamos ao fim de um ciclo de hegemonia de uma certa ordem científica nos diz Santos (2010). Talvez esse seja o momento de conciliação entre as formas de pensar e de conhecer o mundo, entre as múltiplas epistemologias que nos orientam e nos constituem. Esse debate é extenso, longo, escorregadio e esperamos ter, nesse rápido movimento de diálogo e apresentação, demonstrado as diferenças, mas, principalmente as necessidades de conjunções entre um saber especializado e um saber que se inscreve no vivenciar o mundo.

### **2.2. A agroecologia como caminho emancipatório**

Dissemos que Santos (2009) pontua que o pensamento moderno é um pensamento abissal, com isso se refere ao dualismo que é construído em torno da racionalidade moderna, fundamentada nos conhecimentos provenientes das ciências, que acabam por desconsiderar tudo aquilo que está do lado contrário ao seu próprio domínio, como os saberes e conhecimentos tradicionais dos camponeses e povos originários. A ciência ao longo de sua construção assume essa cada vez mais essa característica que é ressaltada pela modernidade. Contra o pensamento abissal surgem estratégias epistêmicas e práticas na tentativa de refutá-lo e superá-lo, sobre tudo, por meio dos pensamentos emancipatórios e contestatório.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Leff (2014) aponta que a crise ambiental é uma crise do pensamento moderno, que a partir do seu domínio da ciência e econômico tem construído um mundo que se apresenta como insustentável em termos sociais, econômicos e ambientais. Os corolários socioambientais se tornam presentes em todo o mundo, através de eventos como degradação, poluição, contaminação, aquecimento global entre outros, que tem demonstrado o caminho que a racionalidade moderna propaga. O meio ambiente esteve no esquecimento por um longo período, porém devido aos acontecimentos, a questão ambiental tem entrado na agenda global, abrindo lugar para a emergência da chamada racionalidade ambiental, conforme Leff (1998) conceitua.

A racionalidade moderna tem sido construída através da visão eurocêntrica de mundo, que somente reconhece a natureza como um espaço de apropriação de seus recursos. Essa premissa pode ser justificada quando olhamos para o passado e vemos que ecossistemas inteiros foram degradados, poluídos e contaminados, o que acentua a relação de poder e dominação social e ambiental construída na modernidade, cabe recordar que no continente latino-americano esse processo tem sido ainda mais visível e violento (Alimonda, 2011). A América Latina ao longo dos últimos cinco séculos sofreu com as apropriações dos seus recursos minerais e florestais, como com o processo de colonização cultural dos povos originários. Atualmente, além de ainda conviver com a apropriação dos recursos naturais, promove o processo de colonialidade. Com o aumento das apropriações, tem tomado forma um pensamento ecológico de contestação, embora esse pensamento não se restrinja a América Latina, ele nesse território incorpora a noção de emancipação social (Alier et al. 2015).

Assim, se acentua uma crítica a colonialidade do saber e poder na América Latina (Quijano, 2011), como uma tentativa de emancipação do pensamento da ciência dominante, da forma em que se busca construir um pensamento alternativo. O saber ambiental é construído como essa estratégia de confronto ao domínio da ciência moderna, como um campo de pensamento, uma episteme social e política que procura articular as relações da sociedade com a natureza, como modo fundamental a racionalidade ambiental. A ecologia caminha nesse sentido ao questionar as consequências sociais e



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ambientais derivados desse processo, da forma que incentivar a introdução de novos saberes, conhecimentos e técnicas como forma de promover um direcionamento resiliente, há assim a tentativa em vincular conhecimento racional como o conhecimento sensível na construção da racionalidade ambiental. Assim, a construção da racionalidade ambiental é constituída de um conjunto de processos que levam a conexão entre elementos teóricos e práticos (Leff, 1998).

É nesse aspecto que a ecologia política toma forma. A ecologia política é um campo teórico e de ação que vem sendo construída ao longo do tempo, como um recurso de refutação do paradigma dominante, da forma que estabelece estratégias para a construção de caminhos alternativos através do enfoque socioambiental. Assim, na América Latina a ecologia política está ligada diretamente a emancipação do colonialidade do conhecimento (Leff, 2017).

A ecologia política tem sido construída em torno de elementos pluriepistêmicos e interepistêmicos, que levam a reflexão daquelas relações de poder e dominação social e ambiental, o que a torna um importante recurso na construção da racionalidade ambiental (Leff, 2003; 2014). Além da noção de emancipação social, a ecologia política através de Alier (2004) traz um aporte teórico-metodologia dos conflitos ecológicos distributivos, ou seja, os elementos sociais, espaciais e temporais de acesso e proveito dos recursos ambientais e de suporte da vida. Com o avanço da ciência, o meio ambiente é cada vez mais dominada com o intuito de transformá-lo em matéria prima para a produção industrial econômica, e assim passa a ser social e politicamente disputado, e a ecologia política passa a ter um papel importante ao se tornar uma noção crítica (Leff 2003).

Nesse sentido, a agroecologia é parte da reação a racionalidade moderna que levou a formação de um modelo agrícola hegemônico. A agroecologia passa a ser amplamente adotada na década de 1970, como uma modelo agrícola ecológico e alternativo, como forma de superar o problema socioambiental no campo, acaba por envolver os camponeses e povos originários no enfrentamento do modelo dominante. Assim a agroecologia tem sido construída ao longo do tempo de forma popular e com o envolvimento de camponeses e povos originários com técnicos e pesquisadores,



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

estabelecendo um diálogo de saberes. Os espaços comuns criados permitiu fomentar a troca de conhecimento e promover tecnologias e saberes locais para o fortalecimento de processos de luta e resistência. Onde o movimento social tem cada vez mais se direcionados. A agroecologia assim, fomenta um conjunto de ações e práticas que contribui na luta de enfrentamento do modelo dominante, denunciado os corolários sociais, econômicos e ambientais (Sevilla Guzmán, 2015). A agroecologia apresenta uma estrutura metodológica para compreender e manejar os agroecossistemas desde um enfoque ecológico e socioeconómico, de forma a restaurar a resiliência natural ou promover a conservação, assim a preservação da biodiversidade é a primeiro objetivo da agroecologia, a preservação sociocultural é outro objetivo importante, por envolver os saberes e conhecimentos que nutrem os manejos agrícolas, que se tornam amplamente relevantes no processo de preservação da biodiversidade (Altieri, 2008).

### **3. Metodologia**

O trabalho é parte de pesquisas em cursos dos autores sobre o enfoque da sociologia ambiental e epistemologia. O trabalho tem o propósito de apresentar elementos teóricos e epistemológicos sobre a agroecologia como um caminho emancipatório, para isso o artigo parte do estado da arte do tema proposto, que vem sendo feito durante os últimos anos a partir de uma literatura acadêmica nacional e internacional e nos idiomas castelhano, inglês e francês, além do português. Como o artigo é parte de pesquisas em curso, o intuito está em refletir sobre o caráter emancipatório do pensamento para se pensar uma ciência e uma sociedade desde a ecologia política.

### **4. Análise e discussão dos dados**

Procuramos ao longo do trabalho colocar em evidência a agroecologia como um recurso emancipatório do pensamento moderno e conseqüentemente da prática agrícola. A agroecologia é



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

compreendida como uma ciência, uma prática e um movimento social onde esses enfoques se complementam. A racionalidade da modernidade que está fundada em uma lógica dual, que Sousa Santos (2009) conceitua como abissal, incorpora a lógica instrumental e econômica como caminho, onde prevalecem os interesses de agentes sociais privilegiados, um processo que acaba por estabelecer consequência em diferentes sentidos, no qual assumimos o enfoque socioambiental. Assim, com a racionalidade da modernidade e seus corolários, emergem pensamentos e lógicas alternativas, como a racionalidade ambiental (Leff 1998) e que procuram superá-la. Nesse sentido, a ecologia política é um campo teórico e prático que está seguindo esse caminho emancipatório, onde a agroecologia está imersa.

### **5. Conclusões**

A separação constituída pelo racionalismo científico e que se estende como um plano de imanência avassalador em nosso sistema de pensamento, estabeleceu e estabelece um caminhar no escuro. Dizemos avassalador acompanhando os teóricos socioambientais que analisam o desenvolvimento científico moderno e a cisão por ele reproduzida. É claro, essa mesma cisão também gera seu duplo oposto que é a criação dos híbridos como diria Latour (1994). Ou seja, em realidade a separação só se coloca para perpetuar sistemas perversos como classe, poder, gênero, etc. sob a tutela da racionalidade. Mas quando olhamos mais de perto, a separação natureza e cultura, gênero e outras não se mostram efetivas.

Aí é que pensar como sistemas alternativos auxiliam na geração de contrários. Ou seja, a defesa de um modelo alternativo como tal, estimula a produção de novos sistema que ainda que racionais porque reflexivos. Assim, se a crise ambiental é uma crise do conhecimento, então sistemas agroecológicos nutrem em si mecanismos de composição de novas reflexões que se ampliam em outras frentes e espaços sociais na relação com o mundo e a natureza.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## **6. Bibliografía**

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1971. 220 p.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: contraponto, 1996. 316 p.

DESCARTES, René. **O discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 102 p.

DILTHEY, W. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. São Paulo: Unesp, 2010.

ESCOBAR, Arturo. **Territorios de diferencia**: lugar, movimientos, vida, redes. Popayan, Colômbia: Enviñon Editores, 2010.

FOUREZ, Gerard. **A construção das ciências**: Introdução à Filosofia e à ética das ciências. São Paulo: UNESP, 1995.

FRANCO, José Luiz de Andrade; SILVA, Sandro Dutra; DRUMMOND, José Augusto; TAVARES, Giovana Galvão. **História ambiental**: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

SANTOS, Boaventura de Sousa. Ciência e Senso comum. In: **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 6ª edição. Porto: Afrontamento, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 92 p.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.